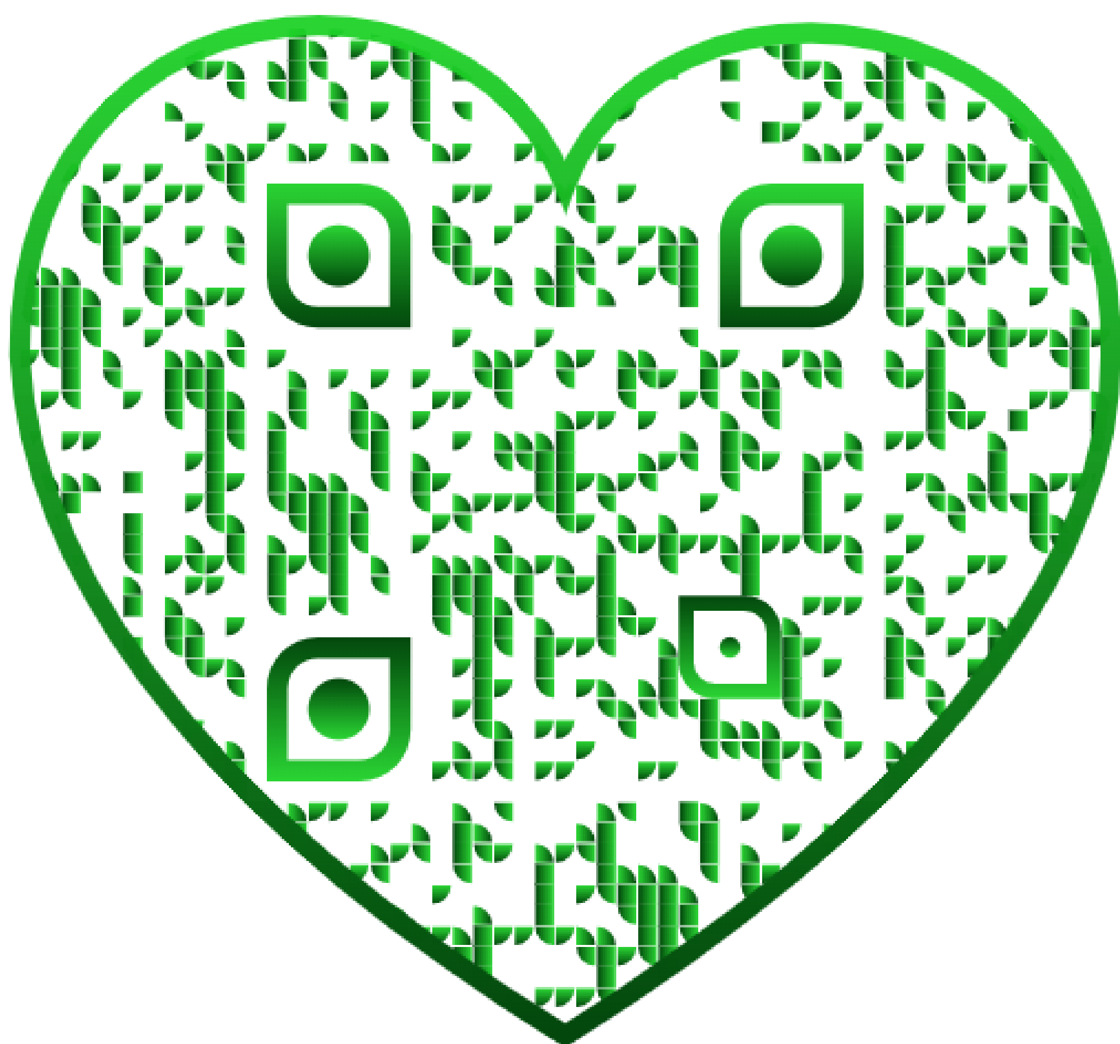
A Bola Dourada da Oportunidade

Agatha Christie



Jorge Dundas se deteve em plena cidade de Londres com ar pensativo. Ao seu redor, operários e empregados iam e vinham naquela maré envolvente, mas Jorge, estranhamente vestido, com as calças bem engomadas, não lhes prestava atenção. Estava muito ocupado pensando no que devia fazer a seguir.

Algo havia ocorrido! Jorge e seu tio rico (Efrain Leadbetter, da firma Leadbetter e Gilling) trocaram umas "palavrinhas" como se diz vulgarmente. Para falar com exatidão, as palavras tinham sido pronunciadas quase unicamente pelo senhor Leadbetter. Tinham brotado de seus lábios como uma corrente de amarga indignação, e o fato de que fossem uma repetição constante não parecia lhe ter preocupado. Dizer algo bonito uma vez e não repeti-lo, era algo impossível para ele.

O tema foi bem singelo... a tolice e a perversidade de um jovem, que tem que abrir caminho, e que cria um dia de feriado escolar em plena semana, sem permissão de ninguém. Quando o senhor Leadbetter havia dito tudo o que lhe ocorria, repetindo-o várias vezes, deteve-se para tomar fôlego e perguntou a Jorge o que significava aquilo.

Jorge respondeu simplesmente que o que ele

queria era um dia livre. Em resumo, um dia de festa.

- E para que existiam o sábado à tarde e o domingo? - quis saber o senhor Leadbetter. - Para não mencionar o Pentecostes, que acabara de passar, e a próxima festa do patrono dos Bancos.

Jorge replicou que não lhe importavam as tardes dos sábados, os domingos, nem as festas. Tinha necessidade de um dia qualquer em que fosse possível encontrar um local onde não se reunisse já meia população de Londres.

Então o senhor Leadbetter disse que tinha feito o quanto estava em suas mãos pelo filho de sua falecida irmã... e que ninguém poderia dizer que não lhe tinha dado uma oportunidade, mas evidentemente foi inútil, e no futuro Jorge poderia gozar dos cinco dias de trabalho da semana e, além disso, do sábado e do domingo, para fazer o que tivesse vontade.

- Jogaram-lhe nas mãos a bola dourada da oportunidade, meu filho - disse Leadbetter como último e poético toque final de seu discurso. - E você não soube agarrá-la.

Jorge disse que lhe parecia que era isso o que tinha feito, e o senhor Leadbetter, trocando a poesia por ira, ordenou-lhe que partisse.

Desde então... as meditações de Jorge. Seu tio voltaria atrás? Sentia por Jorge algum afeto secreto, ou só um patente desgosto?

E foi naquele preciso momento que uma voz... uma voz inesperada... disse:

- Olá!

Um carro de passeio de linha aerodinâmica se deteve junto à calçada, e sentada ao volante estava a garota mais bonita e popular da alta sociedade, Mary Montresor (a descrição é a mesma que aparecia sob seu retrato nas revistas pelo menos quatro vezes ao mês).

Mary sorria a Jorge com simpatia.

- Nunca pensei que um homem pudesse parecer-se tanto com uma ilha - disse Mary Montresor. - Quer entrar?

- Com a alma e a vida - respondeu Jorge sem a menor vacilação, e assim o fez, sentando-se junto a ela.

Avançaram lentamente porque as leis de trânsito não permitiam outra coisa.

- Estou farta da cidade - disse Mary Montresor. - Vim ver como era, mas voltarei para Londres.

Sem corrigir sua geografia, Jorge lhe disse que era uma idéia magnífica. Seguiram adiante, às vezes devagar, outras com cegos arranques velozes

quando Mary via a oportunidade de passar outros veículos. A Jorge pareceu que nisto era um tanto otimista, mas consolou-se pensando que só morre uma vez. Entretanto, considerou conveniente não conversar, preferindo que sua loira acompanhante se entregasse totalmente à tarefa que tinha às mãos.

Foi ela quem reatou o bate-papo, enquanto corriam velozmente por uma curva do Hyde Park.

- Você gostaria de se casar comigo? - perguntou-lhe ela como por acaso.

Jorge conteve o fôlego, mas devia ser devido à proximidade de um enorme ônibus que parecia ansioso por destruição, e se orgulhou de sua rápida resposta.

- Eu adoraria - respondeu com facilidade.

- Bom - disse Mary Montresor vagamente. - Talvez possa fazê-lo algum dia.

Voltaram a tomar a estrada reta sem acidentes, e naquele momento Jorge avistou uns grandes pôsteres de notícias colocados na estação de metrô do Hyde Park Corner. Entre "grave situação política" e "chegada do transatlântico Coronel" se lia "Jovem da alta sociedade se casará com um duque" e em outro "o duque de Edgehill e a senhorita Montresor".

- O que é isso do duque de Edgehill? -

perguntou Jorge com severidade.

- Bingo e eu? Estamos prometidos.

- Mas então... o que acaba de dizer...

- Ah, *isso* - disse Mary Montresor. - Compreende, ainda não decidi de todo com quem vou me casar.

- Então por que prometeu a ele?

- Só para demonstrar que podia fazê-lo. Todos pensavam que seria muito difícil, e não foi nada.

- Foi muito afortunada conseguindo conquistar esse... Bingo - disse Jorge mencionando com violência um duque autêntico por seu apelido.

- Nada disso - replicou Mary Montresor. - O afortunado foi ele, se é que há algo que possa lhe fazer bem... coisa que duvido.

Jorge fez outra descoberta... de novo com a ajuda de outro pôster de anúncios.

- Ahá, hoje há regatas em Ascot. Diria que esse era o único local onde você poderia estar.

Mary Montresor suspirou.

- Queria ter um dia de liberdade - disse simplesmente.

- Pois, igual a mim - repôs Jorge encantado. - E como resultado meu tio me despediu para que eu morra de fome.

- Nesse caso nos casaremos, - decidiu Mary -

minhas vinte mil libras ao ano lhe serão extremamente úteis.

- Certamente nos proporcionariam algumas comodidades para nossa casa - afirmou Jorge.

- Falando de casas - comentou Mary. - Vamos ao campo ver se encontramos alguma de que nós gostamos.

Resultava um plano encantador. Passaram Putney Bridge e, ao chegar a Kingston, Mary apertou o acelerador com um suspiro de satisfação. Chegaram ao campo muito depressa, e meia hora mais tarde, Mary, exalando uma exclamação, assinalou para um lado com gesto teatral.

Ali, no topo de uma colina se elevava uma casa dessas que os agentes de vendas descrevem (rara vez com a verdade) de "Um encanto ao estilo antigo". Imagine que a descrição da maioria das casas de campo se fizesse realidade por uma vez, e terá uma idéia.

Mary Montresor deteve o carro ante uma cerca pintada de branco.

- Deixaremos aqui o carro, e iremos vê-la. É nossa casa!

- Decididamente é - concordou Jorge. - Mas no momento parece que outras pessoas vivem nela.

Mary desprezou as outras pessoas com um

gesto, e subiram juntos pelo caminho. A casa era ainda mais atraente vista de perto.

- Aproximaremo-nos para espionar pelas janelas - disse Mary.

Jorge resistia.

- Você conhece que esta gente?

- Eu não penso neles. É nossa casa... e só vivem nela por acaso. E se alguém nos surpreender, direi... direi que eu acreditava que era a casa da senhora... Pardonstenger e que sinto me haver equivocado.

- Bom, não está mal - disse Jorge pensativo. Olharam pelas janelas. A casa estava estranhamente mobiliada, e acabavam de chegar ao salão quando ouviram passos no cascalho do jardim e ao voltarem-se se acharam frente a um mordomo impecável.

- Oh! - disse Mary, e com seu mais encantador sorriso adicionou - Está em casa a senhora Pardonstenger? Estava olhando se estava no salão.

- A senhora Pardonstenger está em casa, senhora - replicou o mordomo - Tenha a bondade de passar... Por aqui, por favor.

Fizeram a única coisa que podiam fazer: lhe seguiram. Jorge ia calculando o número de probabilidades que havia para que tivessem acertado, e sendo o nome Pardonstenger chegou à

conclusão de que era uma entre vinte mil. Sua companheira lhe sussurrou:

- Deixa-o em minhas mãos. Tudo ficará bem.

Ao Jorge lhe conveio, pois segundo ele aquela situação requeria delicadeza feminina.

Fizeram-lhes passar ao salão, e assim que se retirou o mordomo, voltou a abrir a porta dando passagem a uma senhora alta e de cabelos oxigenados que lhes contemplou com ar de expectativa.

Mary Montresor deu um passo para ela, e logo se deteve com bem simulada surpresa.

- Oh! - exclamou - Se não é Amy! Que coisa mais extraordinária!

- É - disse uma voz sinistra.

Tinha entrado um homem corpulento de rosto de bulldog e cenho ameaçador, situando-se detrás da senhora Pardonstenger. Jorge pensou que nunca tinha visto um tipo mais desagradável. O homem fechou a porta e apoiou as costas contra ela.

- Sim, uma coisa extraordinária - repetiu com sua voz áspera - Mas acredito ter compreendido seu jogo. - E de repente mostrou um revólver enorme - Mãos ao alto! Eu disse mãos ao alto. Revista-os, Bela.

Jorge, ao ler novelas policiais, perguntou-se

muitas vezes o que significava isso de "revistar". Agora soube. Bela (aliás, senhora Pardonstenger) comprovou que nem ele nem Mary levavam armas escondidas em nenhuma de suas roupas.

- Pensaram que eram muito preparados, não é? - grunhiu o homem. - Vindo aqui desta maneira e fazendo-se de inocentes. Desta vez se equivocaram... totalmente. Na realidade, duvido muito que seus amigos e parentes voltem a lhes ver jamais. Ah, sim! - disse ao ver que Jorge fazia um movimento de rebeldia. - Nada de truques. Dispararei assim que volte a mover-se.

- Tome cuidado, Jorge - suplicou Mary.

- Tomarei cuidado - respondeu Jorge com sentimento. - Muito cuidado.

- E agora em marcha - disse o homem - Abra a porta, Bela. E vocês dois conservem as mãos acima da cabeça. Primeiro a senhora... Assim está bem. Eu irei atrás dos dois. Cruzem o saguão. Agora para cima...

Obedeceram. O que mais podiam fazer? Mary começou a subir a escada com as mãos ao alto seguida de Jorge, e atrás deles o gigantesco rufião, com o revólver na mão.

Ao chegar ao alto da escada, Mary dobrou a esquina, e no mesmo instante, sem o menor aviso,

Jorge deu um feroz chute para trás alcançando o homem de pleno, e lhe fazendo cair de costas pela escada. No segundo seguinte Jorge tinha saltado sobre ele, apoiando os joelhos sobre seu peito, e com a mão direita agarrou o revólver que o outro tinha soltado durante a queda.

Bela, lançando um grito, retirou-se por uma porta, e Mary desceu correndo a escada, pálida como a cera.

- Jorge, você o matou?

O homem estava estendido completamente imóvel, e Jorge se inclinou sobre ele.

- Não acredito que o tenha matado - disse com pesar. - Mas certamente está fora de jogo.

- Graças a Deus - Mary respirava muito depressa.

- Um golpe limpo - disse Jorge admirado de si mesmo. - Uma lição para esta mula. O que quer?

Mary o puxava com força.

- Vamos - exclamou com ardor. - Vamos depressa.

- E se procurássemos algo com que atar este indivíduo? - disse Jorge disposto a seguir seus próprios planos. - Poderia encontrar algum pedaço de corda por aí?

- Não, não poderia - replicou Mary. - E vamos...

Por favor, por favor... Estou tão assustada...

- Não precisa se assustar estando eu aqui - respondeu Jorge com vil arrogância.

- Jorge querido, por favor... Faz por mim. Não quero me ver metida nisso. Vamos, por favor, lhe suplico seriamente.

A deliciosa ternura com que pronunciou as palavras "faz por mim" abrandou a determinação de Jorge, que se deixou arrastar para onde o automóvel lhes esperava. Mary disse com desanimo:

- Conduz você. Eu não posso.

E Jorge tomou posse do volante.

- Mas temos que ver como isso acaba - lhe disse. - Deus sabe o que tem às mãos esse vadio. Não darei parte à polícia se não quiser... mas tenho que averiguar. Tenho que seguir a pista.

- Não, Jorge. Não quero que o faça.

- Me apresenta uma aventura de primeira classe como esta e quer que eu vire as costas? Não, nem sonhe.

- Não tinha idéia de que fosse tão sanguinário - disse chorosa.

- Não sou sanguinário. Não fui eu quem começou. Esse condenado indivíduo nos ameaçando com esse gigantesco revólver... A propósito..., como diabo não disparou quando eu

lhe joguei escada abaixo?

E detendo o carro, tirou do porta-luvas onde o pôs ao embarcar. Depois de examiná-lo lançou um assobio.

- Que me crucifiquem se eu entendo! Não está carregado. Se eu soubesse... - deteve-se abstraído em seus pensamentos. - Mary, tudo isto é muito estranho.

- Sei. Por isso lhe suplico que deixe de lado.

- Nunca - replicou Jorge com voz firme.

Mary suspirou.

- Já vejo que terei que lhe contar isso - lhe disse. - E o pior de tudo é que não tenho a menor idéia de como se sentirá.

- O que quer dizer? O que tem que me contar?

- Verá. - Fez uma pausa. - Eu acredito que hoje em dia as mulheres devem se ajudar mutuamente... Quando queremos, sobretudo, saber algo dos homens que conhecemos.

- E bem? - perguntou Jorge, completamente avoado.

- E o mais importante para uma garota é saber como reagiria ele ante uma dificuldade... Tem presença de ânimo... valor... inteligência rápida? Essas coisas não podem saber-se... até que já é muito tarde. Talvez não se apresente nenhuma

oportunidade até vários anos depois de casados. Tudo o que sei de meus amigos é se dançam bem e se são capazes de encontrar um táxi em noites chuvosas.

- As duas coisas são muito úteis - assinalou Jorge.

- Sim, mas uma mulher quer saber se o homem é homem.

- "Os grandes espaços abertos onde os homens são homens" - recitou Jorge com ar ausente.

- Exato. Mas na Inglaterra não temos esses espaços abertos. De maneira que temos que criar uma situação artificial. E isso é o que fiz.

- O que quer dizer?

- O que quero dizer é que essa casa atualmente é minha. E viemos porque eu quis... não por acaso. E o homem... Esse homem que por pouco você não matou...

- Sim?

- É Rube Wallace... O ator de cinema. Sempre representa papéis de lutador. É um homem muito amável e simpático, e lhe contratei. Bela é sua esposa. Por isso fiquei apavorada ao ver que podia tê-lo matado. Naturalmente que o revólver não estava carregado. Pertence à companhia cinematográfica. Oh, Jorge, está muito zangado?

- Sou o primeiro com quem... fez este experimento?

- Oh, não. Provei-o com... deixa ver... com outros nove e meio.

- Quem era o meio? - perguntou Jorge com curiosidade.

- Bingo - replicou em tom frio.

- E a outros não ocorreu o truque de dar uma patada para trás, como fazem as mulas?

- Não... a nenhum. Alguns se pavonearam, e outros se submeteram em seguida, mas todos permitiram que lhes levassem para cima, e lhes atassem e amordaçassem. Logo, arrumei isso para soltar minhas ligaduras... claro está, como nas novelas... e os libertei. Escapamos... descobrindo que a casa estava vazia.

- E a ninguém ocorreu o truque da mula nem nada parecido?

- Não.

- Nesse caso - disse Jorge condescendente, - a perdôo.

- Obrigado, Jorge - respondeu Mary.

- Em resumo: a única questão que se apresenta agora é: aonde vamos? - disse Jorge. - Não estou de todo certo se terá que ir ao Lambeth Palace ou ao tribunal.

- Do que está falando?

- Da licença. Acredito que o indicado é uma licença especial. Tem muita coragem de se comprometer com um homem e perguntar a outro se quer casar-se com você.

- Eu não pedi que você se casasse comigo!

- Sim, me pediu. No Hyde Park Corner. Não é um local que eu teria escolhido para pedir alguém em matrimônio, mas cada um tem suas idéias a respeito deste particular.

- Eu não fiz nada disso. E só perguntei, em brincadeira, se você gostaria de se casar comigo. Não tinha intenção de que tomasse a sério.

- Se consultasse um advogado, estou certo que diria que isso foi uma autêntica proposta. Além disso, você sabe perfeitamente que quer se casar comigo.

- Não.

- Nem sequer depois dos nove fracassos e meio? Imagine a sensação de segurança que ia dar ir pela vida ao lado de um homem capaz de tirá-la de uma situação perigosa.

Mary parecia abrandar-se pouco a pouco ante este argumento, mas disse em tom firme:

- Não me casaria com nenhum homem a menos que o visse ajoelhado para mim.

Jorge olhou-a. Era adorável, mas Jorge possuía outras características próprias das mulas, além de saber dar coices, e replicou com a mesma determinação:

- Ajoelhar-se ante uma mulher é degradante, e não o farei.

Mary disse com encantadora presteza:

- Que lástima!

Retornaram a Londres. Jorge estava muito sério e calado, e Mary tinha o rosto oculto pela aba de seu chapéu. Ao passar pelo Hyde Park Corner, murmurou em tom suave:

- Não poderia se ajoelhar ante mim?

Jorge replicou em tom firme:

- Não.

Sentia-se um super-homem. Admirava-o por sua atitude, mas pelo visto também era teimosa. De repente Jorge se ergueu.

- Me perdoe - lhe disse.

E desembarcando do carro, retrocedeu até uma banca de frutas por que haviam acabado de passar, retornando tão rapidamente que o policial que se aproximava deles para perguntar o que ocorria não teve tempo de chegar.

- "Coma mais frutas" - disse. - E, além disso, é simbólico.

- Simbólico?

- Sim. Eva deu uma maçã ao Adão. Hoje em dia Adão a dá a Eva. Compreende?

- Sim - respondeu Mary duvidosa.

- Aonde a levo? - perguntou Jorge em tom sério.

- Para casa, por favor.

Dirigiu o carro para o Plaza Grosvenor com rosto impassível. Desembarcou, dando a volta para ajudá-la a descer. Fez-lhe uma última súplica.

- Querido... Jorge... não poderia? Só para me agradar?

- Nunca - disse Jorge.

E naquele preciso momento ocorreu. Escorregou, e ao tratar de recuperar o equilíbrio ficou ajoelhado no barro diante ela. Mary lançou uma exclamação de alegria, aplaudindo entusiasmada.

- Querido Jorge! Agora sim me casarei contigo. Pode ir imediatamente ao Lambeth Palace e arrumar tudo com o arcebispo de Canterbury.

- Foi sem querer - disse Jorge com calor. - Foi por culpa dessa... essa... folha de plátano - e lhe mostrou o corpo do delito.

- Não importa - replicou Mary. - Ocorreu. Quando discutimos e você me jogou na cara tê-lo pedido em matrimônio, tive que exigir que antes de

se casar comigo você se ajoelhasse ante mim. Graças a essa bendita folha de plátano! O que disse?

- Algo pelo estilo - repôs Jorge.

Às cinco e meia daquela tarde, o senhor Leadbetter recebeu o aviso de que seu sobrinho acabava de chegar e desejava lhe ver.

- "Veio para humilhar-se - disse o senhor Leadbetter para seus botões. - Confesso que fui um pouco duro com o moço, mas foi por seu próprio bem".

E deu ordem para que fizessem o seu sobrinho passar.

Jorge entrou com ar decidido.

- Quero falar contigo, tio - lhe disse. - Esta manhã cometeu uma grande injustiça. Eu gostaria de saber se você teria conseguido na minha idade, em plena rua, repudiado por seus parentes, e no espaço de tempo entre as onze e quinze e as cinco e meia, uma renda de vinte mil libras ao ano. Pois isso é o que eu fiz!

- Você está louco, moço.

- Não estou louco, mas repleto de recursos! Vou casar me com uma jovem rica e bonita, pertencente à alta sociedade. Uma que vai deixar um conde por mim.

- Devia tê-lo esbofeteado em vez de te

privilegiar.

- E fez bem. Nunca teria me atrevido a pedi-la em casamento, mas por sorte ela me pediu. Logo se retratou, mas eu a fiz trocar de opinião. E sabe tio, como o consegui? Com o gasto de dois pennes e sabendo agarrar a bola dourada da oportunidade.

- No que empregou esses dois pennes? - perguntou o senhor Leadbetter, intrigado.

- Em comprar um plátano... em uma banca de frutas. A ninguém teria ocorrido o truque da folha de plátano. Onde se tiram as licenças de matrimônio? É no tribunal ou no Lambeth Palace?

FIM

Publicado em The Listerdale Mystery (O Mistério de Listerdale), 1934.